

'Tropa de Elite' põe usuário de droga na parede

>No filme, os consumidores ganham o papel de co-autores da violência. Na vida real, são classificados como vítimas, culpados, coadjuvantes...
PÁ. 7A

'A grande responsável pelo tráfico é a exclusão social'

LÍDIA STUMPF, PRESIDENTE DA LÍNE

'Fumar um baseado e participar de passeatas pela paz é hipocrisia'

MÁRIO DE OLIVEIRA FILHO, PRESIDENTE DA COMISSÃO DE DIRETOS HUMANOS DA OAB



'Vi muita gente (que usa drogas) sair baqueada do filme'

IVAN REIS, DELEGADO DA POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO

'Não há como isentar o usuário dessa responsabilidade'

LUÍZ EARLE DE MOURA, DELEGADO DO DENARC



Depois da gíria, um papo sério

Em um primeiro momento o País foi tomado por uma **onda de gírias** emprestadas do filme **'Tropa de Elite'**, um dos maiores **sucessos de público** do cinema nacional nos últimos tempos. Passada a primeira onda, fica uma importante discussão sobre o papel do usuário na cadeia do tráfico e sobre a **descriminalização** das drogas

FERNANDA ARANDA
fernanda.aranda@grupoestado.com.br

No vocabulário, expressões como "fanfarrão" e "aspira" já foram incorporadas. Mas não são apenas as gírias do Capitão Nascimento as únicas seqüelas do longa *Tropa de Elite*, do diretor José Padilha. Quando os créditos do filme sobem, indicando que a sessão – seja oficial ou pirata – terminou, os espectadores confrontam-se com um novo cenário sobre quem é quem no tráfico de drogas. No filme, os usuários ganham dos policiais fictícios o papel de co-autores da violência. Na vida real, esses personagens podem ser vistos como vítimas, culpados, coadjuvantes...

O *Jornal da Tarde* reuniu a opinião de estudantes, psiquiatras, sociólogos, advogados, economistas e delegados que, nas próximas linhas, tentam definir qual rótulo os consumidores de substâncias ilícitas devem ganhar fora da ficção.

No caldeirão da polêmica, o professor da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri, colocou mais ingredientes no início da semana. Ele apresentou a pesquisa *Estado da Juventude, Prisões e Acidentes* e deu

rostro, e classe social, para quem consome drogas no Brasil. Com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estudo mostra que 62% dos usuários declarados pertencem à classe A (renda mensal superior a R\$ 9,5 mil) e 85% são brancos. "Não gostamos de olhar os filhos da elite como participantes desse ciclo de violência. Talvez essa percepção seja o principal mérito do estudo", diz.

E é com os princípios básicos da economia que o delegado do Departamento Estadual de Narcóticos (Denarc), Luiz Carlos Magno, responsabiliza o consumidor como protagonista do tráfico. "É um ciclo econômico como outro qualquer. Existe a produção, a distribuição e o consumo. Se não existir consumidor, o sistema deixa de existir. Não há como isentar o usuário dessa responsabilidade."

Magno afirma que, para o tráfico, não há diferença entre o consumidor "de final de semana" e o dependente. "Pode ser R\$ 300 em cocaína ou R\$ 5 em maconha. É sempre dinheiro que entra e o que os traficantes almejam é o lucro."

Apesar de inserir quem consome na categoria "culpado", o delegado Magno considera um avanço a nova legislação que amenizou a pena para os usuários flagrados com drogas. Desde o ano passado, quem é pego com entorpecentes não é sub-

metido a nenhuma pena em regime fechado, apenas prestação de serviço comunitário. É exigida a assinatura de um Termo Circunstanciado (TC), mas a ficha criminal permanece limpa. Até 2006, a lei vigente implicava pena entre seis meses a dois anos de detenção.

"Considero uma evolução (a nova legislação), porque no tempo que o usuário permanecia preso não aparecia ninguém da saúde pública, com programas de recuperação e reinserção", justifica. "O que havia de profilático nisso? Nada!"

A despenalização para quem porta, ainda que uma pequena quantidade de maconha, no entanto, é condenada pelo presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Mário de Oliveira Filho. "É um retrocesso. Em um contexto de guerra, porque é isso que vivemos com o tráfico, a medida desmoraliza a estrutura preventiva. Incentiva a sensação de impunidade", rebate. "Estou cansado de repetir que fumar um baseado (cigarro de maconha) e participar de passeatas pela paz é hipocrisia deslavada", conclui.

Advogado e delegado concordam, porém, quando o assunto é a legalização das drogas. Os dois são contrários à descriminalização e utilizam a saúde como justificativa. Na avaliação de Magno e Filho, liberar o consumo sem ter uma estrutura de saúde pública eficiente para atender novos consumidores – consequência evidente na opinião dos dois – é estar fadado ao colapso.

Já a presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Lúcia Stumpf, usa argumentos muito parecidos para defender uma posição totalmente contrária. "Sou a favor da legalização das drogas porque isso forçaria os governos a investirem em políticas públicas, hoje tão deficientes, para os usuários", diz ela, que acha equivocado responsabilizar o usuário pela violência. "A grande responsável pelo tráfico é a exclusão social. Muito maior do que o consumo", acredita.

E para quem é da área da medicina, há um certo receio em defender uma posição clara sobre o assunto. "Responsabilizar o dependente sem o contraponto de oferecer o tratamento eficaz e gratuito é um debate equivocado", opina o psiquiatra da Unifesp, Ronaldo Laranjeira. "Não é uma equação tão simples assim. Olhar o usuário apenas como financiador do crime é deixar esquecida a questão saúde", afirma a psicóloga social Carla Dalbosco, do Instituto de Educação Superior de Brasília.



62%
dos usuários
de drogas
são da
classe A
(renda mensal
de R\$9,3 mil)

85%
são de cor branca

50,7%
têm entre 20 e 29 anos

99%
são do sexo masculino

R\$45,77
é o gasto médio mensal com
maconha, lança-perfume e cocaína

Fonte: 

28%
dos universitários são
a favor da liberação da maconha

46%
são a favor da pena de morte

71%
apoiam redução da maioridade penal

1.024
estudantes universitários foram
entrevistados para a pesquisa

Fonte: 



“Sou a favor da legalização porque isso forçaria os governos a investirem em políticas públicas, hoje são deficientes, para os usuários.”

LÚCIA STUMPF
PRESIDENTE DA UNE



“O usuário fomenta tudo isso (*violência do tráfico*). Se não tem quem compre, não tem quem venda.”

ELTON ROSA
MESTRANDO EM CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO



“Se o tráfico deixasse de existir, talvez a quantidade de seqüestro e roubos ficasse muito maior.”

RICARDO RUSSANO
ESTUDANTE DO 2º ANO DE LETRAS



“Os órgãos que legislam devem ter responsabilidade (maior do que a dos usuários) sobre o tráfico.”

FABIANA RAPOSO
ESTUDANTE DO 3º ANO DE LETRAS